

A Deus toda honra
e toda a glória,
meu amor maior
e profunda gratidão.



Zé Borges

© Yuri Felix Araujo

1.ª Edição / Salvador, BA (2023)
ISBN nº 978-65-01-34762-2 (livro impresso)
Todos os direitos reservados

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão expressa por escrito do editor.

A663z Araujo, Yuri Felix - 1963
Zé Borges / Yuri Felix Araujo / 1.ª ed.
Salvador , BA : Ed. do Autor, 2023

ISBN: 978-65-01-34762-2

1. Biografia 2. Liderança política - História de superação e coragem
I. Título II. Araujo, Yuri

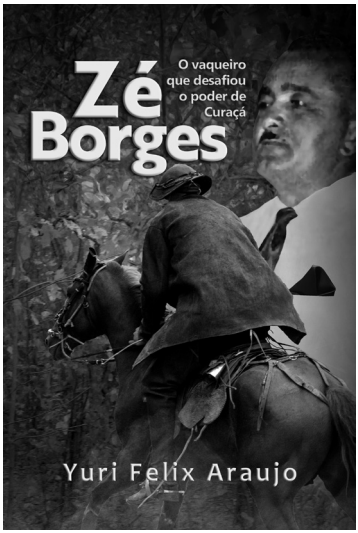
CDD-B920



Autor: Yuri Felix Araujo
Design da capa: Yuri Felix Araujo
Registro de obras: 312252870

Deus nos dá pessoas e coisas, para aprendermos a alegria... Depois, retoma coisas e pessoas para ver se já somos capazes da alegria sozinhos... Essa... a alegria que ele quer.

Guimarães Rosa



Para os meus queridos tios José Hugo (em homenagem póstuma), Socorro, Solange, Humberto, Rita e Suely, e para a minha amada mãe Maria Perpétua, os sete filhos de Zé Borges, meu amado avô. Com todo o meu amor e carinho, esta obra é dedicada a vocês. Cada página escrita é um tributo à memória de nosso patriarca e uma celebração da incrível família que ele deixou como legado. Que Deus continue abençoando cada um de vocês, guiando seus caminhos e enchendo seus corações de amor e alegria.

Sumário

1. O menino da Água Branca 5
2. Desafiando o terror do cangaço 7
3. Amizade com Jerônimo Ribeiro 11
4. O audacioso vaqueiro 15
5. O ingresso na política 21
6. “O doutor e o tabaréu” 25
7. Candidato único 31
8. O importante é a bondade 33
9. Vocação de família 35
10. Autor 39

O menino da Água Branca

José Félix Filho, mais conhecido como Zé Borges, nasceu em 8 de junho de 1917, na Fazenda Água Branca. Na época, a propriedade estava situada no distrito de Barro Vermelho, que mais tarde passou a integrar Poço de Fora, ambos pertencentes ao município de Curaçá, Bahia. Sua chegada foi motivo de grande alegria para seus pais, José Félix Martins e Maria Borges Silva, e trouxe novas esperanças à família. Como segundo filho do casal, Zé Borges cresceu rodeado pelo afeto dos pais e pela convivência próxima com seus irmãos: Manoel, o primogênito, seguido por Maria, Izabel, Francisco e Antônio.

Desde cedo, a fé católica teve um papel central em sua criação. A religiosidade de sua família influenciou profundamente sua formação, transmitindo valores que ele levaria consigo por toda a vida. Os ensinamentos cristãos o moldaram desde a infância, inspirando nele um senso de justiça, caridade e amor ao próximo — princípios que mais tarde guiariam sua atuação profissional e política.

Na infância, Zé Borges compartilhava os dias com outras crianças da Fazenda Água Branca, explorando os quintais de terra e criando suas próprias aventuras. Um de seus passatempos favoritos era montar pequenos currais com gravetos e pedras, onde os ossos de animais se transformavam, em sua imaginação, em bois prontos para o manejo. Essas brincadeiras, além de pura diversão, revelavam sua afinidade com a pecuária e antecipavam o caminho que seguiria mais tarde.

Os momentos lúdicos também eram influenciados pelo contexto da época. As histórias sobre cangaceiros, tão presentes nas conversas dos adultos, despertavam a imaginação das crianças. Usando pedaços de pau e pedras como bonecos, recriavam cenas de confrontos entre policiais e bandoleiros, reproduzindo, à sua maneira, os relatos sobre a passagem de Lampião e seu bando pela região.

Foi nesse ambiente, entre a simplicidade do sertão e as influências de um tempo marcado por desafios e transformações, que Zé Borges começou a forjar sua identidade. Seu olhar atento para o mundo ao redor, aliado ao espírito curioso e determinado, indicava que aquele menino da Água Branca estava destinado a uma trajetória muito além das fronteiras de sua infância.



Corisco, um dos membros mais cruéis do bando de Lampião tinha uma vingança prometida a Herculano Borges, o que costumava se estender a qualquer membro da família

Desafiando o terror do cangaço

No sertão nordestino, a ameaça dos cangaceiros pairava sobre as famílias, alimentada por histórias de vingança e perseguições implacáveis. A família Borges não estava imune a esse cenário. O ódio dos cangaceiros contra eles remontava ao tio de Zé Borges, Herculano Borges, que, enquanto delegado, prendeu Corisco, então um simples feirante rebelde em Bonfim.

Os Borges possuíam uma linhagem marcada pela liderança. Herculano era trineto de Rafael dos Anjos, migrante de Pernambuco para a Bahia. Seu filho, Joaquim Cardoso da Silva Matos, levou parte da família para Uauá e Vila Nova da Rainha. Joaquim teve uma filha, Carolina, que se casou com Antônio Borges de

Salles, o primeiro Borges a chegar em Uauá. Da união nasceram sete filhos, incluindo Francisco Borges, que, ao lado de sua esposa, Libânia, perpetuou a tradição familiar. Com o tempo, o sobrenome Salles foi abreviado para Sá, e os descendentes de Antônio e Carolina consolidaram-se como líderes políticos.

A força política da família se evidenciou com João Borges de Sá, prefeito de Uauá, e Rafael da Silva Borges, neto de Antônio, que também governou o município. A influência seguiu por gerações: sete bisnetos de Antônio foram prefeitos, divididos entre Uauá e Curaçá, entre eles José Félix Filho, o Zé Borges. A linhagem continuou com trinetos, como José Hugo Félix Borges, que ocupou a vice-prefeitura de Curaçá.

A posição dos Borges na política lhes conferia certa proteção. Em Uauá, onde João Borges era prefeito, destacamentos militares ferozes barravam a entrada de Lampião e seu bando. Segundo o historiador Rubens Antônio, os tenentes Odonel Francisco e Manoel Campos de Menezes, grandes inimigos do cangaço, mantinham a cidade segura. Relatos de antigos moradores confirmam que Lampião evitava a área, contornando-a pela zona rural.

No entanto, para Corisco, a rivalidade com os Borges era pessoal. O conflito começou quando Herculano Borges, então subdelegado de Santa Rosa de Lima, em Jaguarari, foi obrigado a intervir na feira local. Corisco, conhecido por sua rebeldia, recusou-se a pagar impostos, enfrentou os policiais e foi preso. Libertado no

dia seguinte, jurou vingança.

Algum tempo depois, a casa de Herculano foi incendiada. Sentindo-se ameaçado, ele abandonou o cargo e se mudou para Senhor do Bonfim com a família. Mas a vingança de Corisco estava apenas começando. Já inserido no bando de Lampião, ele comandou uma emboscada que culminou no brutal assassinato de Herculano, em 1931, na fazenda Bom Despacho. Zé Borges, então com 14 anos, cresceu ouvindo relatos sobre as atrocidades do cangaço e a crueldade de seus membros.

A tragédia lançou uma sombra sobre a família, que passou a ocultar o sobrenome Borges ao registrar os filhos, numa tentativa de escapar da fúria dos cangaceiros. No entanto, José Félix Filho recusou-se a se esconder. Em um ato de coragem e desafio, passou a se apresentar como "José Borges", reivindicando sua identidade e enfrentando o temor que os cangaceiros haviam imposto. Mais tarde, o nome se tornou seu símbolo político, refletindo sua força e determinação diante das adversidades.

Lampião

Virgulino Ferreira da Silva, conhecido como Lampião, foi uma figura central no cangaço, movimento que marcou o sertão nordestino nas primeiras décadas do século XX. Nascido em 4 de junho de 1898, em Vila Bela, Pernambuco, Lampião liderou um

bando que, por quase duas décadas, espalhou medo e violência por diversas comunidades rurais. Suas ações incluíam saques a fazendas, ataques a comboios e sequestros de fazendeiros para obtenção de resgates. Essas investidas não apenas desestabilizavam a ordem local, mas também deixavam marcas profundas nas populações atingidas, que viviam sob constante ameaça.

A notoriedade de Lampião cresceu a ponto de ele ser considerado o "Rei do Cangaço". Sua liderança carismática e estratégias militares desafiavam as forças policiais, conhecidas como "volantes", que tinham dificuldade em capturá-lo devido ao conhecimento que o bando possuía da geografia local e ao apoio de alguns moradores. No entanto, para muitos, suas ações eram vistas como atos de banditismo e terrorismo, especialmente pelas classes mais abastadas e pelas autoridades, que o consideravam um criminoso impiedoso.

A trajetória de Lampião chegou ao fim em 28 de julho de 1938, quando ele e parte de seu bando foram emboscados e mortos por forças policiais na Grota do Angico, em Poço Redondo, Sergipe. Sua morte marcou o declínio do cangaço como movimento organizado. Entretanto, o legado de Lampião permanece vivo no imaginário popular, sendo objeto de estudos, debates e representações artísticas que buscam entender as complexas dinâmicas sociais e culturais do sertão nordestino daquela época.